Circonteúdo
DESRESPEITÁVEL
PÚBLICO
O CIRCO COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA
DURANTE O HOLOCAUSTO
museu do
Holocausto
CURITIBA | BR
POR TODA A VIDA VAMOS LEMBRAR

DESRESPEITÁVEL PÚBLICO

ÍNDICE

Apresentação – Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba 01
O circo na História 02
Adam Epstein 03
Wolf Messing 04
A tradição de judeus e ciganos no circo 05
Família Lorch 06
Rosa Bouglione 07
O circo na Alemanha do entreguerras 08
Os irmãos Blumenfeld 09
Nazismo, cultura e circo 10
Lya Graf 11
Trupe Lilliput 12
Carl Strassburger 13
Rosa e Jacob Schauerjans 14
O circo como possibilidade de resistência 15
Hugo Strassburger 16
Irene Danner e os salvadores Adolf e Maria Althoff 17
Edit Sandor Kleinbarth e os salvadores Oskar e Helene Hoppe 18
Marcel Marceau 19
A reconstrução do circo no pós-guerra 20
Tihany 21
Kubush 22
Circonteúdo 23
Circo, cinema e Holocausto 24
Proposta educativa 25
Referências gerais 30
Legendas e fontes das fotografias 31
Créditos 32

Cultivemos o riso contra as armas
que destroem a vida.

O Riso que resiste ao ódio, à fome e
as injustiças do mundo.

Cultivemos o Riso.

Franco Alves Monteiro, Palhaço Xuxu (1939 -)

Último companheiro do palhaço Piolin, Franco Alves Monteiro é filho de família circense. Começou aos quatro anos em atividades no picadeiro: foi trapezista, acrobata, ciclista, domador, palhaço e diretor artístico dos circos Aquárius e Real Miami. Trabalhou também com os palhaços Carequinha e Arrelia, além de professor de comicidade na Academia Piolin, em São Paulo.

Apresentação

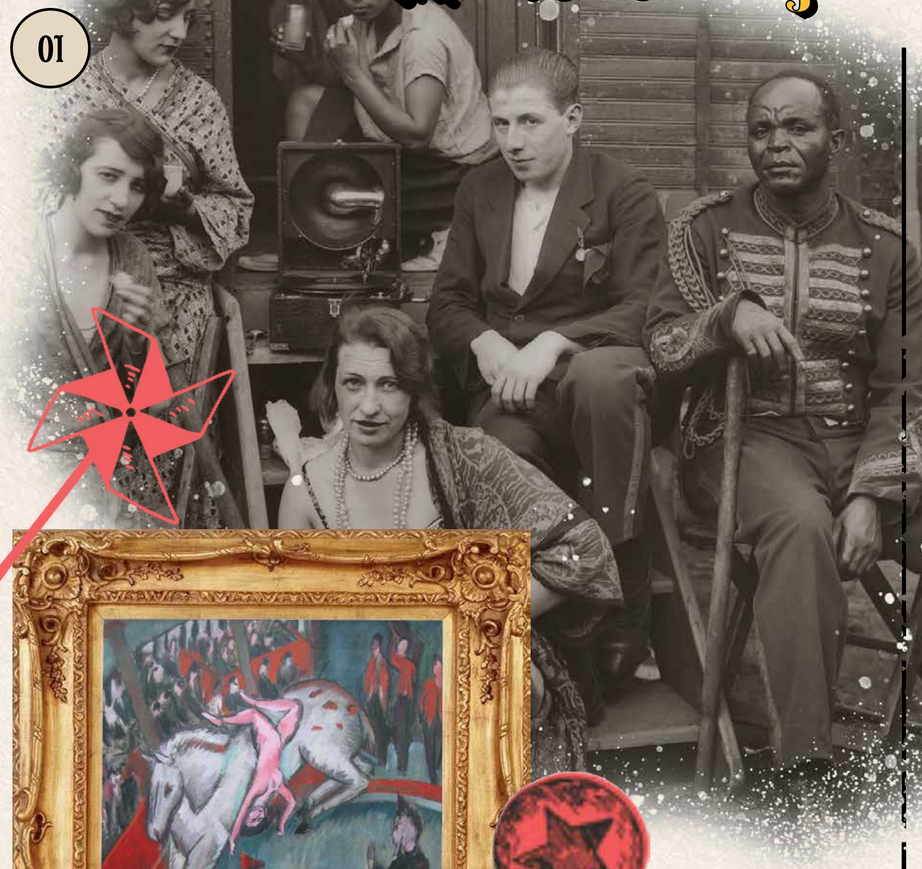
Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba

Durante séculos, os circos europeus foram dirigidos por grupos minoritários, com artistas de todo o mundo e de inúmeras origens: ciganos de vários grupos, judeus, yeniches e pessoas com deficiências, por exemplo. Como tal, a essência transnacional dos circos funcionava como uma porta estreita para a aceitação da alteridade, ou seja, perceber o outro como uma pessoa singular e subjetiva. Por outro lado, o nazismo via a redenção da Alemanha por meio da regeneração completa e purificação racial do que chamavam de “raça ariana”, cuja missão seria comandar a futura marcha da humanidade. Por isso, seria preciso estar livre da influência do que chamavam de “raças inferiores” e de grupos considerados inimigos ou degenerados.

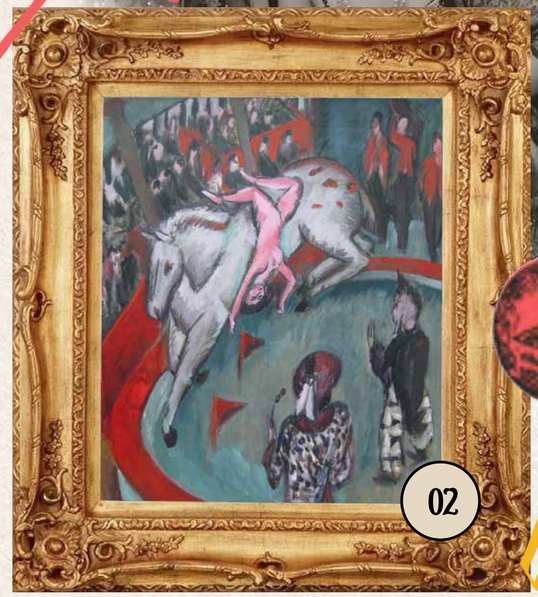
A premissa desse material pedagógico é que haveria, em tese, um profundo choque de valores entre o circo tradicional e o regime nazista. Desde o início da pesquisa, fugindo de uma noção simplista de que a relação entre circo e resistência seja óbvia, destacamos a palavra possibilidade. A ideia central era mostrar como o circo e seu modo de vida (e não somente pessoas que por acaso fossem artistas circenses) abriram um potencial (que se concretizou em alguns casos) para promover uma contestação e resistência ao regime nazista.

Hipóteses a serem confirmadas sugeriam uma resposta à uniformidade étnica e cultural a partir do cosmopolitismo do circo, o papel social marginalizado dos artistas e o caráter itinerante como forma de estabelecer contatos. Tudo isso com o objetivo de expor não apenas a relação dúbia do nazismo com o circo, mas de compreender possíveis atos de resistência e estratégias de segurança conectados aos princípios e virtudes universais que a atividade circense carrega há gerações.

Quem nunca ouviu a famosa expressão “respeitável público”? “Desrespeitável público: o circo como possibilidade de resistência durante o Holocausto” é um material educativo transdisciplinar chancelado e concretizado após três longos anos de pesquisa interna e que buscou, em diversas fontes, atingir respostas satisfatórias e criar possíveis conexões entre o circo e a resistência. Duas das inspirações foram os programas “Diverging Fates: Travelling Circus People in Europe under National Socialim”, fundado numa parceria entre a International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA) e o Centro de Estudos Nórdicos da Universidade de Helsinki, e “Forgotten Cosmopolitans: Diverging Fates of Europe's Circus People in the Wake of WWII”, também ligado à universidade finlandesa.



01



02

O CIRCO NA HISTÓRIA

Uma das mais clássicas manifestações culturais do mundo, o circo é uma antiga forma de arte que, na medida em que se desenvolveu como entretenimento contemplativo, ganhou muita popularidade por conseguir transitar entre os meios erudito e popular. Essa transição se justifica pela diversidade de atrações ofertadas, bem como pelas inúmeras referências que são utilizadas na idealização das performances. Aos poucos, consolidou-se como um equipamento cultural imerso em sedução, subterfúgio, encantamento e abstração do mundo real.

Registros apontam para a existência de apresentações artísticas ao estilo do que chamaríamos hoje de “atrações circenses” desde a Antiguidade. O circo moderno, sintetizando essas performances em um único espetáculo, surgiu no século XVIII. Em 1768, o britânico Philip Astley foi o primeiro a organizar artistas com talentos diversos em um show de variedades, embora o nome “circo” só viesse a ser empregado um pouco mais tarde, quando Charles Hughes, que havia trabalhado nos atos organizados por Astley, fundou sua própria companhia, batizando-a de Royal Circus.

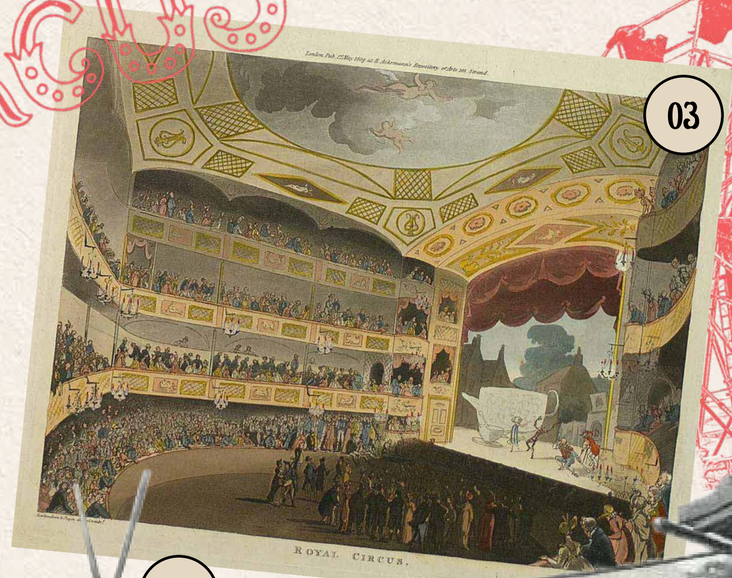
Nascidos de tradições familiares, os circos permaneciam por décadas sob comando de uma mesma família e o ofício era transmitido de uma geração para outra.

Duas características marcantes se destacam desde o surgimento desse tipo de atração. Uma é a incorporação de artistas populares e a aproximação do circo a camadas mais amplas da população – o que ampliou seu público, mas também provocou o preconceito de boa parte das elites. Outro traço fundamental era a itinerância, o que permitia ao circo chegar a locais afastados de grandes centros urbanos.

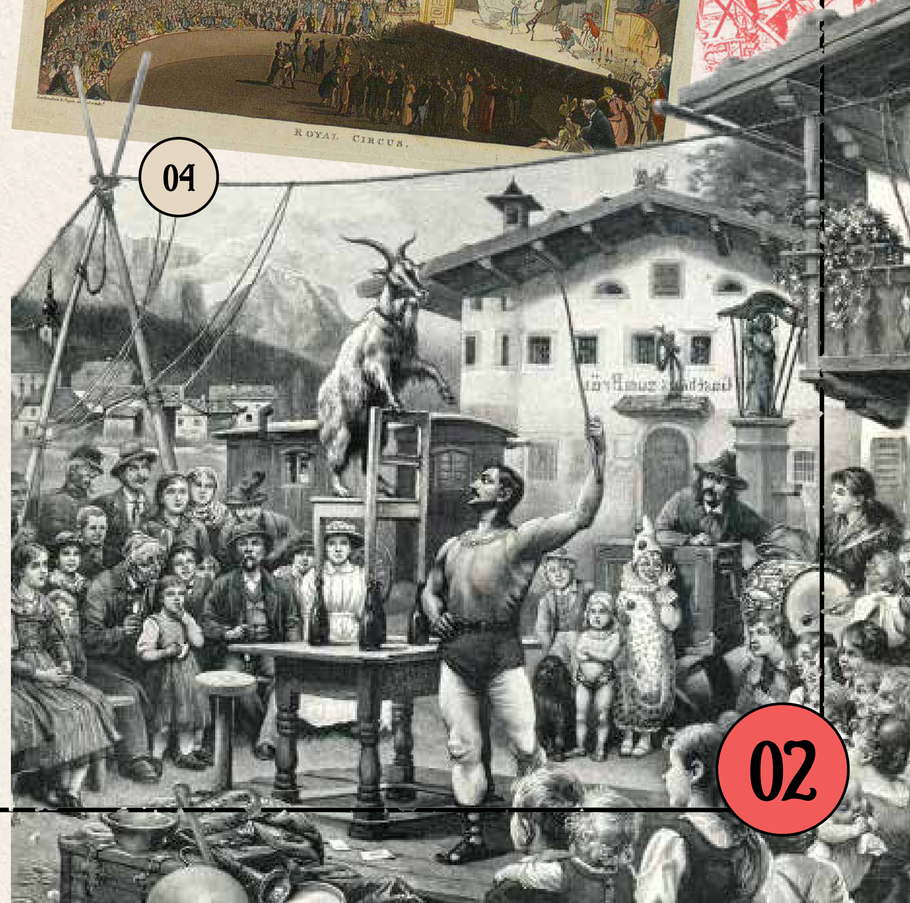
No século XIX, surgiram também circos fixos, mas a itinerância permaneceu sendo bastante valorizada, o que propiciava uma abertura a diversas culturas que costumavam ser agregadas às apresentações. Havia uma noção de superação de barreiras nacionais: a “família circo” era a nacionalidade desses indivíduos, um atributo clássico dessa arte.

O circo como forma de manifestação artística reforça a relevância da tradição e da pluralidade, pois se caracterizou como diverso e capaz de estabelecer o diálogo entre culturas. Além de um espetáculo plural e que transita por vários contextos, a diversidade de influências e de origens dos artistas está no cerne de seu próprio desenvolvimento como arte. Esses atributos nos permitem destacar a capacidade dos artistas de se manterem presentes e constantes ao passar do tempo. É o que também chamamos de resistência.

CIRCUS



03



04

02

Adam Epstein

Em 25 de abril de 1869, o dr. Adam Salomon Epstein estava no palco do Cirque d'Hiver de Paris (então chamado Le Cirque Napoléon) com um rifle apontado para seu rosto. Epstein realizava o Gun Trick. Depois de colocar um lenço marcado no cano de um rifle, Epstein dirigiu-se a um homem na segunda fila e pediu-lhe que disparasse a arma. O homem recusou.

Epstein pediu a outra pessoa para agir como atirador, que também recusou. O quarto homem finalmente aceitou, e Epstein o convidou para o palco. O dr. Adam sacou uma espada e amarrou um lenço nela. O voluntário apontou a arma para Epstein, que ordenou com um forte sotaque polonês: “Tirez, Monsieur, je suis prêt” (Fogo, senhor, estou pronto). O homem atirou e um lenço apareceu na ponta da espada. Mas algo estava errado. “Que horrível”, disse Epstein. Ele agarrou seu peito e cambaleou como se estivesse bêbado. “Eu estou morto”. Epstein enfiou a mão por baixo da camisa, retirou um fragmento de madeira lascada e desabou no palco de Paris.

Quando Epstein foi baleado, estava entre os artistas mais renomados da Europa e no auge de sua carreira. Ele nasceu em Varsóvia na década de 1820, membro de uma rica família judia. Quando jovem, viajou muito e se apresentou perante os reis da Prússia, Áustria e Baviera, a rainha da Inglaterra e o czar da Rússia.
Décadas depois, sua fama e seus truques intrigaram até ilusionista húngaro Harry Houdini.

Adam Epstein era habilidoso e versátil. Por seus pares, ele era alvo de insultos raciais – como “judeu negro”, por causa de seus lábios grossos.

No entanto, seus interesses eram lascivos. Além das dívidas de jogo, foi preso em várias ocasiões por pedofilia e abuso sexual infantil.

A história é confusa sobre o que aconteceu depois. Vários jornais contam a morte de Epstein como um acidente – ele teria usado sua varinha para enfiar a munição no cano do rifle antes que a bala pegasse, mas ela se quebrou e Epstein foi morto quando um de seus fragmentos o atingiram. Porém, existe uma versão diferente apontando que ele teria adoecido e inventado uma farsa para ressuscitar e limpar seu nome, como um golpe de marketing.

Quando foi relatada a recuperação de Epstein, os amigos começaram a fazer preparativos para seu reaparecimento. Mas o público ficou desconfiado, sentiu-se enganado e não acreditou na ressurreição de um mágico que foi baleado. A partir desse momento, Epstein caiu em desgraça e morreu em circunstâncias miseráveis em Kiev.

WOLF MESSING

Wolf Grigorevich, popularmente conhecido como Wolf Messing, nasceu em 1899, em Gora-Kavaleiya, atual Polônia. Difícil de separar o homem da lenda que se criou em torno dele, seu nome é alvo de intriga e curiosidade para os pesquisadores.

Ainda criança, o desejo de seus pais era que ele se tornasse um rabino. Entretanto, os planos dos familiares não coincidiam com o que o menino desejava. Com apenas onze anos, Messing fugiu para Berlim, escondendo-se embaixo do banco de um trem.

Muitos acreditam que esse momento marca o início da demonstração de seus dons: conta-se que um funcionário o avistou e exigiu que apresentasse a passagem. Wolf teria entregado ao homem um pedaço de jornal e o convencido de que era seu bilhete de embarque.

Wolf conseguiu um emprego no Panopticum de Berlim, que trabalhava com elementos e apresentações circenses, mas que também eram marcadas por um forte cunho teatral. Ele lidava com atos de hipnose, leitura de mente e adivinhações. Tudo era feito de maneira orgânica, de tal forma que o público acreditava que estava na presença de alguém com poderes sobrenaturais. Apesar de relatos comporem uma “mitologia” em torno de sua figura, é inegável que seus talentos de fato atraíam multidões e que muitas personalidades demonstraram interesse e curiosidade.

Com a ascensão do nazismo ao poder, Wolf retornou à Polônia. Em 1937, ele fez a previsão de que se o exército alemão se direcionasse a URSS com uma guerra, o Terceiro Reich morreria. Suas palavras teriam chegado até Hitler, que teria oferecido 200 mil marcos por sua cabeça.

Em 1939, quando o exército nazista invadiu Varsóvia, membros da Gestapo conseguiram apreender o artista. Já numa cela, ele teria convencido os soldados a abrirem e entrarem. Em fuga, Messing partiu em direção à fronteira soviética.

Wolf passou a se apresentar em Belarus, sob a proteção do líder comunista local. Após meses, foi abordado pela polícia secreta soviética. Stalin, ciente de sua reputação, ordenou que ele fosse levado até o Kremlin.

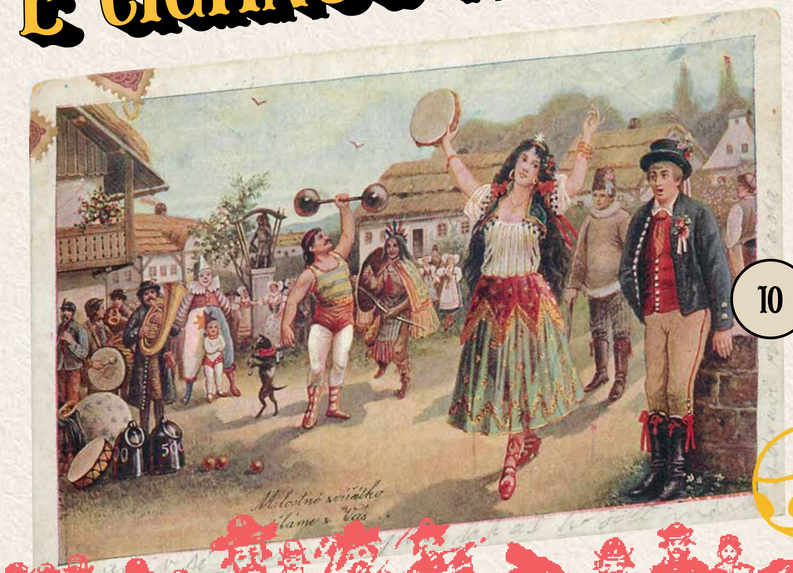
Pouco se sabe sobre os acontecimentos de sua vida e se, como imerso no imaginário popular, ele teria cumprido facilmente alguns desafios impostos por Stalin. Fato é que, após sua morte, em 1975, a KGB confiscou seus diários e anotações pessoais. Esse conteúdo nunca foi divulgado.

08

07

04

A TRADIÇÃO DE JUDEUS E CIGANOS NO CIRCO



10

09

Especialmente nos circos itinerantes, a presença de diretores e artistas judeus era significativa na passagem do século XIX para o XX. Isso remonta a uma tradição anterior das comunidades judaicas da Europa Oriental, nas quais existiam diversas modalidades de artistas itinerantes. Tais apresentações foram difundidas, tornaram-se extremamente populares e, para aqueles que viviam em vilarejos longínquos, eram um dos poucos entretenimentos disponíveis em meio à fome e à miséria.

Um dos tipos mais comuns foram os maguidim (pregadores), que percorriam vilarejos com seus sermões recheados de parábolas e histórias rebuscadas. Outros eram cantores e atores chamados de shpilman, conhecidos por cantar poemas e contos, e performar peças curtas. Outra referência importante são os klezmorim, músicos instrumentais que tocavam em festas e casamentos em cidades vizinhas, bem como para a aristocracia local. Finalmente, percorriam os shtetls – aldeias com grande concentração de população judaica no Leste Europeu – trupes de drama, shows de medicina, teatro de fantoches, magia e mentalistas, comédia pastelão, luta livre, vendedores que realizavam performances e pequenas companhias de carnaval. Dentre eles, o cantor Berl Broder, os mágicos Adam Salomon Epstein e Fred Roner, os mentalistas Wolf Messing e Hermann Steinschneider, e o lutador Zishe (Siegmund) Breitbart.

Outro grupo importante e tradicional na história do circo são os povos Roma, Sinti, Calon e Romanichal, conhecidos muitas vezes como ciganos. Até então frequentemente nômades ou seminômades, eles se inseriam comodamente na itinerância dos circos e demonstravam enorme capacidade de incorporar papeis e atuar como palhaços, motociclistas, acrobatas e adestradores de animais.

Os atos mais famosos desses artistas eram o ilusionismo, o encantamento de animais e as acrobacias sobre cavalos, animal importante na cultura romani. O circo, principalmente quando itinerante, favorecia a criação e a manutenção de uma vasta e ativa rede de comunicação oral, fundamental para a identidade desses indivíduos.

Por vezes, os estereótipos preconceituosos contra esses grupos eram usados a seu favor. O exotismo era utilizado como atração para o público e na criação de um ambiente excêntrico. No entanto, sua itinerância e o trabalho artístico também eram usados para reforçar o estereótipo anticigano que os ligava ao descompromisso e à criminalidade. Era atribuído ao cigano um papel dúbio: ao mesmo tempo em que era admirado como artista, era temido e marginalizado como indivíduo e cidadão.

Família Lorch

Com origens que remontam ao século XIX, os Lorch foram uma respeitável dinastia circense judaico-alemã. O circo foi fundado por Hirsch Lorch (1817-1901) na segunda metade do século e conseguiu se manter até 1930.

Após a morte de Hirsch, seus filhos Adolf (1845-1918) e Louis (1847-1924) assumiram a responsabilidade de dar continuidade. O circo se apresentava principalmente no sul da Alemanha, na Suíça e no Império Austro-Húngaro. Embora fossem um circo de tamanho médio, as acrobacias e apresentações equestres conquistaram reconhecimento internacional devido à inegável qualidade técnica. Nos meses de inverno, quando não faziam apresentações internacionais, mantinham base em Eschollbrücken, no centro da Alemanha,

No início do século XX, Adolf deu continuidade à gestão do circo, ao passo que Louis passou a se dedicar aos atos que tinha desenvolvido com seus filhos. Por três décadas, fizeram apresentações conquistando o público europeu, bem como as plateias dos Estados Unidos (1909 a 1912) e da América do Sul (1923 a 1925). Em 1924, com Louis em Buenos Aires, seu filho Julius assumiu a parte do circo controlada pelo pai.

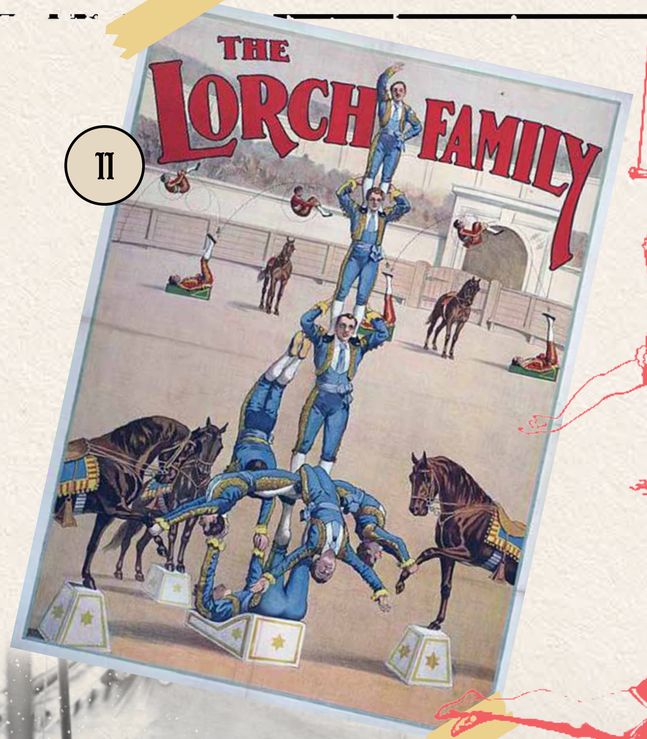
Obrigados a declarar falência em razão das condições financeiras, foram proibidos de retornar a Eschollbrücken após a ascensão do partido nazista, em 1933.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o destino da família não foi homogêneo. Os irmãos Julius e Jeanette fugiram para a Bélgica quando a perseguição aos judeus começou a se intensificar.

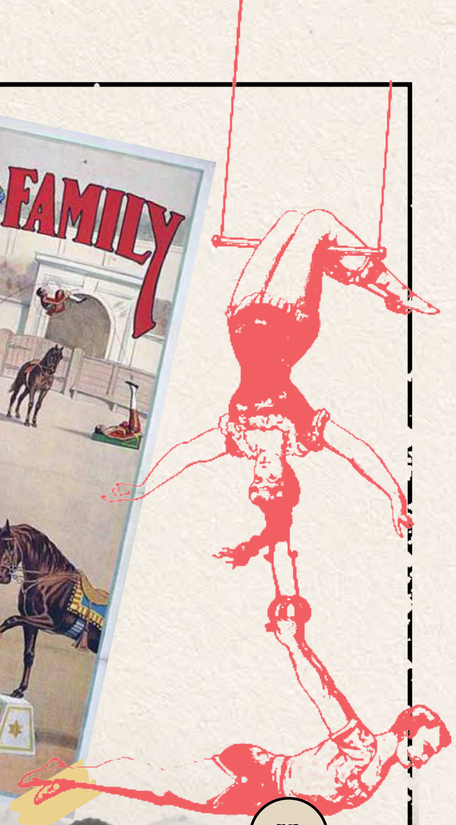
Rudolf e Arthur foram capturados pela Gestapo e enviados a Gurs, um campo de concentração em território francês ocupado. Após meses de trabalhos forçados, foram levados a Auschwitz, onde foram assassinados – mesmo destino de outros parentes. Na Bélgica, Julius sobreviveu escondido e em extrema pobreza até sua morte, em 1942.

Alice, filha de Julius, casou-se com Hans Danner, um também acrobata, e conseguiu sobreviver ao Holocausto junto com suas filhas graças à coragem de Adolf e Maria Althoff, que os abrigaram em seu circo.

Embora membros sobreviventes da família Lorch tenham continuado ligados à atividade circense, essa dinastia nunca conseguiu recuperar o status que tinham antes da perseguição. Apesar do fim dessa tradição familiar relacionada ao circo, a influência e a importância dos Loch na história do circo são inquestionáveis. No Museu de Pfungstadt, uma instalação inteira foi criada para honrar e rememorar a família.



11



12

Rosa Bouglione e o Cirque d'Hiver

Rosa Van Been, que viria a ser conhecida como Madame Rosa, nasceu em 1910, na Bélgica. Seus pais, ciganos manouche (sinti), tinham um pequeno circo viajante que se apresentava também nos Países Baixos e na França. Rosa atuava como dançarina em meio a uma jaula de leões.

Em 1928, casou-se com Joseph Bouglione, membro de uma família que também era detentora de um circo. Ele fazia parte da terceira geração de famosos treinadores de felinos. Seu casamento demostrava a paixão que ambos compartilhavam pelo circo: casaram-se dentro de uma jaula de leão. Com medo de que os animais se descontrolassem, Rosa aconselhou o pastor a não entrar na jaula.

Durante a 2ª Guerra Mundial, mesmo com muitos países estando sob ocupação nazista, o Cirque d'Hiver recebeu autorização para viajar. Acredita-se que seu sobrenome de som italiano (Bouglione) teria servido como um potencial disfarce, ajudando nas relações com as autoridades nazistas, além de ocultar suas origens ciganas. A família aproveitou-se de sua posição para ajudar: esconderam artistas judeus e, no fim da ocupação alemã de Paris, permitiram que os resistentes escondessem armas.

Essa liberdade que lhes foi atribuída parecia surpreendente: suas apresentações eram carregadas de forte viés político e constantes críticas ao governo.

Alguns de seus palhaços (como os famosos Alex e Zavatta) também ocasionalmente soltavam alusões antinazistas em suas piadas, colocando o Bouglione em risco.

Embora Joseph fosse um ímpio e habilidoso administrador, a condição de funcionamento do circo exigia que Paula Busch, que se filiou ao partido, tomasse conta da administração por um período. Este teria sido também mais um elemento de apaziguamento entre as forças nazistas e este circo. Na contramão de muitos circos da época, eles prosperaram após o fim da guerra e não foram tão abalados pelas dificuldades financeiras.

Ao longo de sua vida, Rosa teve sete filhos, 55 netos e dezenas de bisnetos, além de um gorila adotado, que era tratado como uma criança. Madame Rosa faleceu em 2018, aos 107 anos. Ela continuou a trabalhar nos negócios da família até o último dia de vida. Seu funeral foi realizado no picadeiro do Cirque d'Hiver e seu corpo foi sepultado no túmulo da família Bouglione no cemitério de Lizy-sur-Ourcq, perto de Paris. Hoje em dia, seus netos administram o Cirque d'Hiver-Bouglione e o Cirque Joseph Bouglione.

O CIRCO NA ALEMANHA DO ENTREGUERRAS

A tradição itinerante do circo viabilizou câmbios culturais em contextos dissonantes das origens dos artistas. Além de proporcionar acesso à cultura, as trupes eram abertas às trocas e influências locais, agregando esquetes e novos performistas a cada novo vilarejo. Antes da 1ª Guerra Mundial, este modelo circense havia, inclusive, se destacado pela organização logística dos espetáculos e das movimentações.

Porém, nos anos seguintes ao conflito, houve uma retração. Violência, crises econômicas e a popularização do rádio e do cinema provocaram uma readaptação dos destinos do circo. O ambiente da Alemanha do entreguerras também reforçava os preconceitos contra os artistas circenses. A concepção popular era de que o meio em que os circos itinerantes circulavam eram ambientes ocupados por párias, indivíduos que não se encaixavam no ideal alemão.

Artistas com etnicidades diversas começaram a ser vistos com olhares duvidosos ou sob o prisma da primitivadade, e muitas caravanas foram levadas a ocupar espaços urbanos preteridos ou regiões negligenciadas do subúrbio das cidades.

Apesar desse olhar depreciativo, ele não é sinônimo de falta de admiração por essas atrações. O circo era relacionado à dinamicidade da vida urbana e a uma modernização das artes performativas, apreciado devido também ao ar de novidade.

Caso de Hans Stosch, diretor do Circo Sarrasani, que moldou as performances do seu circo a partir da ideia desse novo paradigma de modernidade. Suas apresentações conseguiam incorporar a encenação, a propaganda, a política internacional e a própria indústria circense que se desenvolvia.

Foi também durante esse período que a cultura de massa e os novos modelos políticos em ascensão resultaram numa centralidade identitária da classe média alemã. Se era às vezes vista como primitiva e cosmopolita, em outras ocasiões a expressão cultural do circo podia ser entendida por meio de uma perspectiva estereotípica que justificava o sentimento de superioridade alemã, alimentada pelo rancor e pelo antissemitismo, que ajudaria a suprir as aspirações de grandeza mundial.

15

16

Os irmãos Blumenfeld

De tradicional família judaico-alemã da região da Renânia, os Blumenfeld trabalhavam como uma companhia de atores viajantes e, ainda no século XVIII, passaram a se identificar como uma trupe ginástica. O circo só passou a ser considerado como tal em 1811, quando foi fundado por Maurice Levi Cerf, nome artístico de Moritz Hirsch Levi. Proprietário de uma coleção de aves e macacos, Moritz fez uma requisição ao se casar para que pudesse assumir o sobrenome de sua esposa, Blumenfeld.

No século XIX, eles criaram a Blumenfeldsprache – que, em livre tradução, seria “a língua dos Blumenfeld”, um híbrido de francês, iídiche, romani e jargões próprios do circo. Maurice e a esposa tiveram nove filhos, que mais tarde fariam parte das apresentações e muitos deles fundariam seus próprios circos. Com a morte de Maurice em 1834, a direção do circo foi passada a seu filho mais velho, Emanuel, que fez um grande esforço para modernizá-lo.

Em 1874, o circo adquiriu uma base permanente em Guhrau, na Alemanha – atualmente Gorá, na Polônia. Emanuel e a esposa tiveram 16 filhos, que futuramente assumiriam o circo. Durante a 1ª Guerra Mundial, ele interrompeu suas apresentações. Homens da família haviam sido convocados ao exército e grande parte dos animais foi requisitada para ser usada nas campanhas; o resto morreu de fome.

Na década de 1920, o circo estabeleceu base permanente em Magdeburgo, na Alemanha. Porém, a mobilidade no pós-guerra tornou-se difícil e a crise econômica havia se alastrado. Em 1928, o circo declarou falência. Inúmeras estratégias e tentativas foram feiras para salvá-lo, mas a ascensão do nazismo resultou em um boicote sistemático aos artistas judeus.

Durante o Holocausto, membros da família Blumenfeld foram enviados aos campos de extermínio da Majdanek e Auschwitz, sendo mortos. Com o fim da guerra, Arthur, um dos descendentes, reabriu o Circo Blumenfeld. Inicialmente teve sucesso, apresentando-se às tropas aliadas e para crianças órfãs. Entretanto, em 1949, as dificuldades financeiras forçaram a família a vendê-lo para a família circense dos Busch. Em 1951, Arthur se suicidou. Em 1960, a família Blumenfeld retomou a direção do circo quando outro descendente, Emanuel, se casou com Christine Busch, mas dessa vez sob o nome de Circo Busch.

Nazismo, cultura e circo

Logo que chegou ao poder, o regime nazista se preocupou em enquadrar a cultura aos seus valores e a seu projeto de remodelação do ser humano. A postura do nazismo diante das artes não é definida apenas pelo apoio ou pela repressão, mas pelo controle: impulsionava expressões que valorizassem seu projeto de sociedade enquanto estrangulava as que pudessem se opor. O mesmo ocorreu com o circo.

Em setembro de 1933, foi criada a Reichskulturkammer (Câmara de Cultura do Reich), sob o comando do ministro da propaganda Joseph Goebbels. Sua postura de controle que variava entre apoio e repressão, incluindo aos circos e trupes mambembes, permeou todo o período nazista. Especialmente durante a 2ª Guerra Mundial, o regime, atento à utilidade para a propaganda, considerava o circo um entretenimento que distraía as massas das agruras do conflito armado. Além disso, as performances reforçariam a superioridade ariana em beleza, força e disciplina. Havia, no entanto, um empecilho: o cosmopolitismo e a diversidade de origem dos artistas.

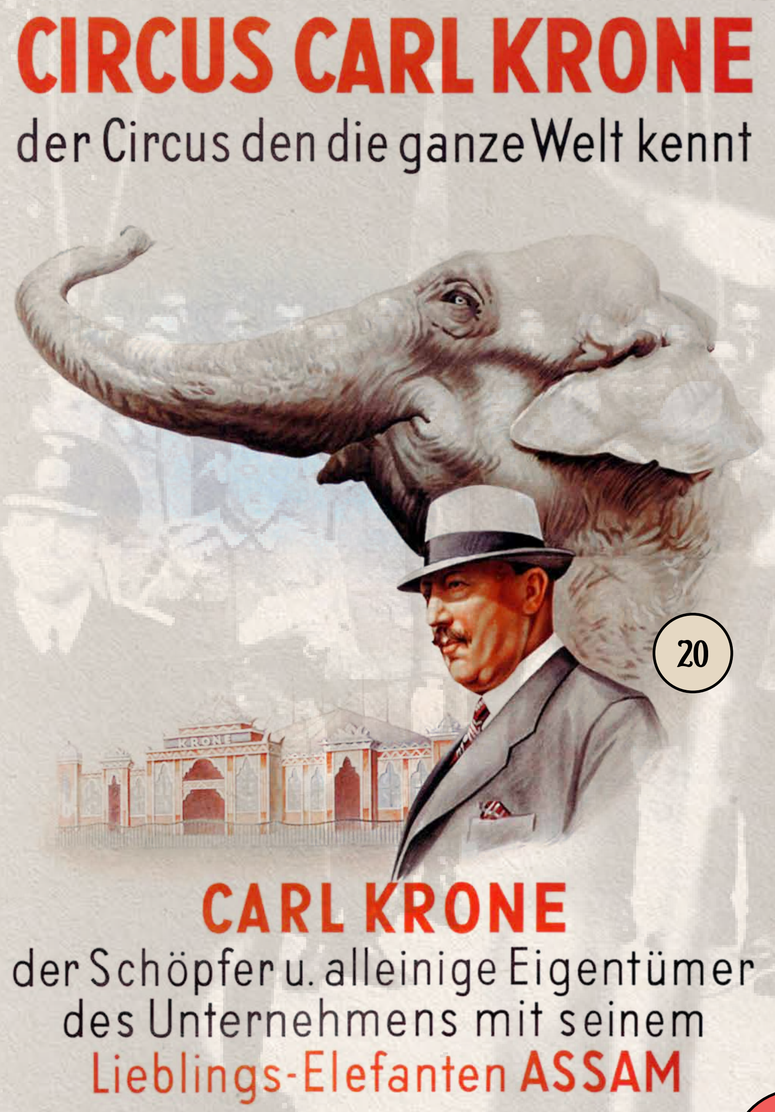
Por isso, vieram as primeiras medidas repressivas: demissão de artistas estrangeiros, comprovação de origem ariana para diretores, proibição de fantasias que remetessem a culturas estrangeiras e da presença de negros, judeus, ciganos e pessoas com deficiências nos palcos, salvo se fosse para "demonstração" do excêntrico em forma de ridículo e de bizarro, os freak shows.

Uma vez arianizados, o nazismo passou a patrocinar espetáculos circenses. Um dossiê do Escritório de Serviços Estratégicos do Reich, escrito em 1940, explicitou que Adolf Hitler "amava o circo", tendo prazer na ideia de que os artistas estavam arriscando suas vidas para sua diversão.

Na ótica nazista, o perigo do circo estava mais na diversidade de seus componentes e menos em suas apresentações. Estas seriam supostamente um entretenimento exótico com pouco potencial contestatório.

Por outro lado, possuíam um alcance amplo e a ligação dos circos com as regiões rurais os aproximava do que era visto pelos nazistas como o "alemão autêntico". Ainda que tivessem perdido muitos artistas, os circos que se alinharam ao nazismo viveram anos de prosperidade, caso dos diretores Carl Krone e Paula Busch, que se tornaram membros do partido.

Outros se valeram da imagem de distração inocente para proteger e esconder judeus, caso do circo da família Althoff. As redes de contato, cujos laços eram frequentemente mais fortes do que as lealdades nacionais ou raciais, também ajudaram muitos artistas a fugir ou se esconder.



Lya Graf

Lia Schwartz nasceu em 1913, na Alemanha. Em razão de seu nanismo, foi por muito tempo conhecida como a “menor mulher do mundo” – registros mostram que ela teria cerca de 70 centímetros de altura. Ainda em sua juventude, mudou-se para os Estados Unidos, onde trabalhou no famoso Circo Ringling Barnum & Bailey e adotou o nome artístico Lya Graf. Passou a se apresentar como uma figura exótica no picadeiro.

Lia conheceu a fama em 1933, já aos 20 anos. Durante uma campanha para promover o circo, ela se sentou no colo do banqueiro e filantropo John Pierpont (JP) Morgan Jr, considerado à época um dos homens mais ricos do mundo. O contraste entre o tamanho dos dois indivíduos (ele media quase 1 metro e 90 centímetros) fez com que a foto ficasse famosa mundialmente. Seu título atrativo “O Milionário e a Anã” também contribuiu para sua popularidade.

No entanto, Lia não ficou contente com a notoriedade e a atenção que estava recebendo. Ela era descrita como uma pessoa sensível e tímida, e que não queria mais viver no centro das atenções e das multidões. Cerca de dois anos após a divulgação da foto, ela resolveu pôr um fim à bem-sucedida carreira circense nos Estados Unidos e retornou à Alemanha, sua terra natal. Nesse período, os nazistas já haviam ascendido ao poder. E pouco se sabe sobre seu destino.

Após o fim da 2ª Guerra Mundial, Nate Eagle, antigo agente de Lia, procurou informações sobre o paradeiro de sua cliente. No entanto, os resultados de suas investigações foram trágicos.

Tudo aponta para o fato de Lia ter sido presa pela Gestapo em 1937, após a proibição dos “shows de horrores” – a motivação seria, provavelmente, não apenas sua baixa estatura, mas sua origem judaica.

Nesse mesmo ano, ela teria sido mandada para Sachsenhausen, um campo de concentração localizado próximo à Berlim. Já durante a guerra, ela teria sido enviada ao complexo nazista de Auschwitz-Birkenau, onde fora assassinada com a família nas câmaras de gás. Não se sabe se Lia teria sido vítima também de experiências médicas.

Trupe Lilliput

Shimson Eizik foi um badchan – mistura de mestre de cerimônias, poeta e palhaço que se apresentava em festas de casamentos judaicos. Patriarca da família Ovitz, teve duas filhas em seu primeiro casamento, Rozika e Franzika, que herdaram seu nanismo. Com a morte da esposa, casou-se novamente e teve mais oito filhos. Sarah, Leah e Arie estavam dentro da estatura média da população, enquanto Avram, Freida, Micki, Elizabeth e Perla tinham baixa estatura.

Após a morte de Shimson, a família formou uma trupe de música klezmer. Cada criança aprenderia um instrumento e aos 16 anos se juntaria ao grupo, que foi chamado de Lilliput. O profissionalismo e a paixão pelo que fazia refletiram na boa reputação que o grupo criava.

O aumento do antissemitismo no Leste Europeu fez com que os Ovitz sentissem a necessidade de impor um disfarce racial: não falariam iídiche em público. Em 1941, quatro dos homens, entre irmãos e maridos, haviam sido recrutados para servir o exército húngaro no front ucraniano.

Em 1944, a Hungria foi invadida pelo exército alemão. No dia seguinte à invasão, a família comprou passagens de trem para retornar ao vilarejo de Rozavlea, onde moravam. Em abril daquele ano, a milícia húngara recebeu ordens para encaminhar todos os 650 judeus da aldeia para um gueto. Após semanas de tortura física e psicológica, os Ovitz foram encaminhados para uma estação de trem, que tinha como destino o complexo nazista de Auschwitz-Birkenau.

Antes de ser realizada a separação entre gêneros, eles foram abordados por soldados da SS, que não tardaram a chamar Josef Mengele, o médico nazista fascinado por hereditariedade e anomalias genéticas. Mengele deu início a exames e testes que comporiam sua pesquisa sobre eugenia. Os exames exigiam consumo de laxantes e jejuns constantes, o que degradava ainda mais a saúde das vítimas.

Apesar do horror, a coesão familiar que mantiveram dentro daquele ambiente confortava a alma dos Ovitz. A tortura psicológica, por sua vez, os assolava – eles imaginavam que, ao morrerem, seus ossos seriam expostos em algum museu nazista.

Após a liberação pelo exército soviético, retornaram à Rozavlea e souberam da morte de vários familiares, incluindo Arie. Poucos meses depois, conseguiram embarcar em direção a Haifa, na Terra de Israel, e retomaram suas carreiras. Após cinco anos de apresentações, os Lilliput resolveram se aposentar. Perla foi a última a falecer, em 2001.

Carl Strassburger

26

25

A tradição circense da família judaica Strassburger data do início do século XIX, uma das mais antigas da Alemanha. Em seu auge, as apresentações eram feitas com mais de cento e vinte cavalos e carruagens que simulavam as Olimpíadas gregas.

Em 1916, de posse de uma tenda, cavalos e três elefantes, o circo foi vendido e renomeado para Circo Karl Hagenbeck. Com o fim da 1ª Guerra Mundial, Adolf Strassburger e seu irmão Leopold fundaram um novo circo Strassburger, apresentando-se na França, Bélgica, Holanda e nos países escandinavos. Em 1926, Carl assumiu o controle do circo de seu pai Adolf.

As leis raciais nazistas categorizaram Carl como “meio judeu de segundo grau”, já que a mãe era católica. Por isso, o Circo Strassburger foi considerado um “circo judeu” – e como a família optou por não mudar a direção, houve consequências graves. Para tentar evitar os boicotes, Carl e seu diretor administrativo Emil Wacker fizeram o possível para se adaptar ao novo regime. Wacker se aliou ao partido nazista, fundando até mesmo uma sede e conseguindo, por isso, um mandato de proteção. Apesar de tudo, não foi suficiente para proteger o circo dos boicotes de moradores locais.

Em 1935, para evitar a ameaça de falência, os Strassburger decidiram vender seu circo por 200 mil Reichsmark para o próprio Emil Wacker em associação com Paula Busch. A imprensa alemã noticiou com euforia a constatação de que esse importante circo agora estava sob administração totalmente ariana.

Carl reuniu uma parte de seus artistas e se mudou para a Bélgica, onde conseguiu fundar um novo circo que também se tornaria bem-sucedido. No entanto, em 1940, forças nazistas atacaram a Bélgica e o diretor foi preso temporariamente. Nesta ação, muitos animais, sobretudo os leões, foram mortos, as estruturas foram saqueadas e membros da equipe circense foram deportados para um campo no sul da França sob a acusação de serem imigrantes ilegais.

Após ter sido liberado, Carl se aliou ao diretor holandês Frans Mikkenie. Ainda que as autoridades alemãs se demonstrassem preocupadas com a origem de Carl, o novo Circo Strassburger-Mikkenie recebeu autorização para se apresentar, e até 1943 viajaram entre a Dinamarca e Holanda com seus atos. Com o avanço da guerra, as apresentações foram interrompidas.

Após o fim do conflito, Carl recebeu uma cidadania holandesa, se casou com sua prima Regina e se tornou um dos mais bem-sucedidos diretores de circo dos Países Baixos. Ele faleceu em 1953 devido a um acidente ocorrido durante uma das turnês feitas na Suécia. Dez anos depois dessa tragédia, o circo Strassburger se dissolveu.

Rosa e Jacob Schauerjans

Até 1943, Rosa (nascida em 1902) e François Jacob Schauerjans (1903) viviam com seus filhos Edwige e Roger em Grenoble, na França. Duas versões da história de fuga para a Suíça circulam entre os descendentes da família circense holandesa. Segundo uma das narrativas, Rosa dirigia um pequeno cabaré e, naquela época, os alemães procuravam artistas para entreter as unidades da Wehrmacht. Não querendo participar de tais tarefas, Rosa e seu marido decidiram rapidamente fugir para a Suíça. Atravessaram a fronteira e, mais tarde, puderam retomar suas atividades circenses.

O sobrinho de Rosa destacou passagens de resistência: “Ouvi dizer que quando os alemães chegaram a Grenoble, em 1943, queriam prender a família”. Segundo ele, Rosa e sua mãe Julie protestaram e apresentaram documentos oficiais afirmando serem cidadãs holandesas. Além disso, os alemães teriam suspeitado que o marido de Rosa, um talentoso adestrador de cavalos, fosse judeu, pois seu segundo nome era Jacob.

O pano de fundo histórico: depois que os aliados desembarcaram no norte da África, em 1942, Grenoble caiu sob controle italiano. As forças italianas concederam aos judeus certo grau de proteção. Por esta razão, consideravam a cidade como um porto seguro. Em setembro de 1943, no entanto, Grenoble foi ocupada pelas tropas alemãs.

Um documento do governo suíço armazenado nos Arquivos Federais em Genebra forneceu uma referência a um terceiro motivo, provavelmente real, para a fuga de Schauerjans. Um relato policial apontou para a passagem da família pela fronteira e a prisão imediata de todos os quatro membres da família na noite de quarta-feira, 14 de abril de 1943. De acordo com os registros do oficial responsável, o motivo da fuga foi evitar o trabalho compulsório na Alemanha ressaltado pela perseguição às pessoas nômades. O fio condutor em todas as narrativas foi a identificação do governo nazista como uma ameaça à vida da família.

Contatos com outras famílias circenses no período em que ficaram confinados em campos de internação na Suíça garantiram tanto o ganha-pão quanto a sobrevivência da família. No pós-guerra, embora ainda estivessem sob controle policial, eles foram autorizados a se instalar em uma caravana.

Apenas em 1948, as autoridades informaram à família que todos poderiam ficar na Suíça.

O CIRCO COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA

Além do entretenimento em si, vários atributos do circo o transformaram em uma potencial fonte de resistência durante a perseguição nazista, inclusive durante o Holocausto. Dentre estas características, destaca-se a sua itinerância. Embora nem todos os circos tivessem tradição viajante, aqueles que a possuíam obtinham vantagens na elaboração de formas de resistir. A movimentação dificultava a fiscalização por parte dos oficiais nazistas e, ao mesmo tempo, facilitava a criação de redes de comunicação que partilhavam informações e assim garantiam a segurança e a sobrevivência dos artistas. Era comum que esses contatos organizassem turnês para que artistas circenses perseguidos se refugiassem em zonas seguras, dentro e fora da Europa.

Outro ponto central é o cosmopolitismo. As apresentações incorporavam elementos culturais de tradições variadas, sendo o próprio corpo artístico de origens diversas. Tal caráter é inerente ao circo e vital para o seu sucesso, mas vai contra a ideologia de purificação racial pregada pelo nazismo. Dentro desse ambiente de pluralidade, imperava uma noção de superação de barreiras nacionais: o próprio circo é a nacionalidade desses indivíduos. A falta de identificação de vários artistas, principalmente os membros de grupos minoritários, com a noção de superioridade étnica e cultural serviu para muitos como motivação para se opor ao regime.

A resistência também foi possível graças ao papel do circo na sociedade. Ao contrário das que foram consideradas “degeneradas”, o nazismo não o via como uma arte subversiva ameaçadora. As apresentações pareciam formas inocentes e inofensivas de distração e, por isso, a fiscalização era bastante esparsa e pouco rígida. Como resultado, muitos diretores e financiadores sentiram que poderiam se utilizar dessa vantagem para fornecer proteção aos mais vulneráveis, criando esconderijos ou proporcionando fugas.

Não é possível afirmar que a resistência seja intrínseca ao circo. Assim como houve casos de resistência, outros circos se beneficiaram e colaboraram com as políticas nazistas de genocídio. No entanto, suas estruturas conceituais e pragmáticas não apenas possuíam potencial, mas também foram aproveitadas como oportunidade para esse fim. Nesses casos, não se tratam de artistas circenses que por acaso se opuseram ao nazismo, mas de uma oposição fundamentada nos valores compartilhados e no estilo de vida plural e tolerante do circo. É preciso reconhecer a coragem daqueles que os utilizaram em nome da defesa da dignidade humana, seja de si próprio ou de terceiros.

29

30

Hugo Strassburger

Hugo Strassburger nasceu em 1880, em uma família judia circense na Alemanha. Seus três filhos logo também se tornaram artistas. Hugo trabalhou como mestre de estábulo, treinador de animais como palhaço “Hugoletty” no circo de seus irmãos mais velhos Adolf e Leopold, que mais tarde foi assumido pelo filho de Adolf, Carl.

Com o nazismo, as políticas antissemitas atingiram Hugo mais do que seus irmãos, que eram considerados mischlinge – termo legal pejorativo usado na Alemanha nazista, que significa "mestiço", para designar os filhos de casamentos de judeus com não-judeus, conforme codificado nas leis raciais de Nuremberg de 1935. Sua esposa Karoline também era judia.

Ainda em 1933, esquadrões da SA se reuniam do lado de fora do circo para cantar aos transeuntes “alemães, não visitem o circo judeu!”. Por um tempo, o circo teve a proteção de seu gerente geral Emil Wacker, amigo pessoal do nazista Rudolf Hess. Wacker convenceu Hess a dar tratamento especial ao Circo Strassburger, que recebeu flexibilização temporária de ordenanças e provisões. No entanto, a proteção foi temporária.

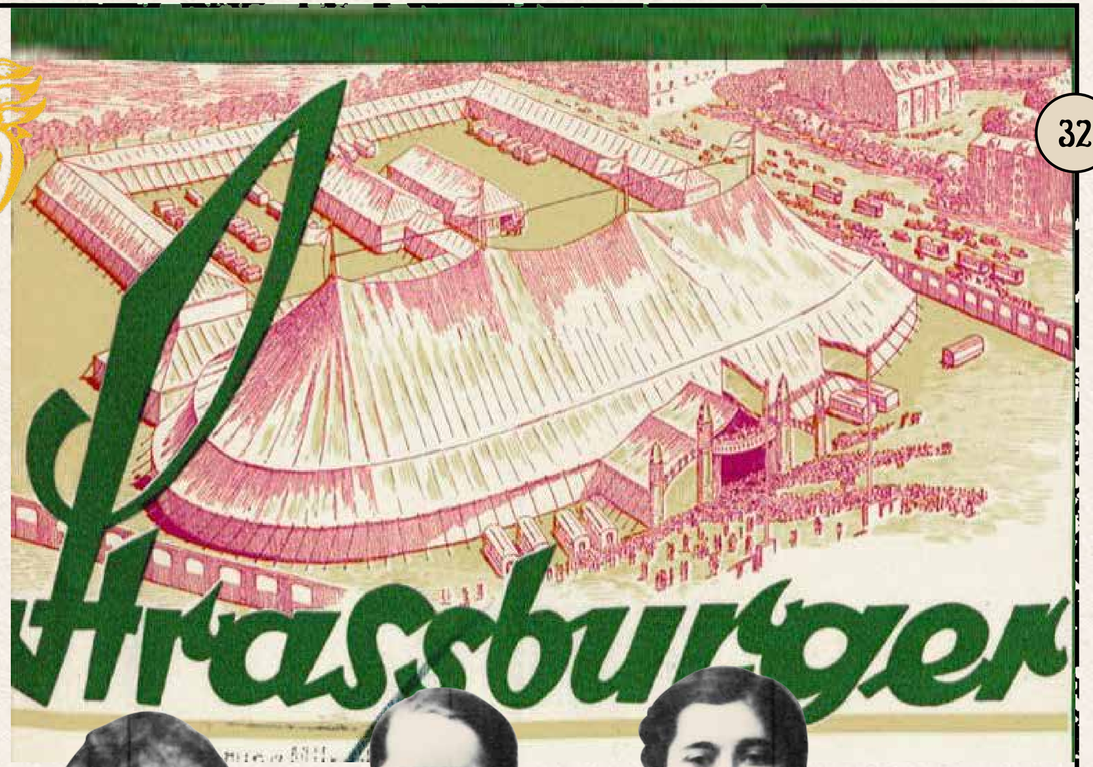
De acordo com as leis nazistas, o sobrinho de Hugo e diretor do circo, Carl, deveria dispensar o tio e os primos. Entretanto, Carl conseguiu negociar a presença da família na turnê conjunta entre os circos Sarassani e Stosch que aconteceria na América do Sul em 1934. Ao contrário de outros oito artistas judeus que aproveitaram para emigrar, Hugo e a família decidiram retornar à Alemanha após a turnê.

A decisão foi um erro estratégico e, em 1936, Hugo teve que se comprometer a deixar a Alemanha. Entraram novamente em ação as redes de contato do circo. Com auxílio do Circo Amar, os Strassburger conseguiram se mudar para a França.

Em 1940, a guerra chegou à França e, em agosto de 1942, Hugo foi mandado ao campo de trânsito de Drancy, deportado para o complexo de extermínio de Auschwitz e assassinado. No fim desse ano, a filha Henriette e a esposa tiveram o mesmo destino.

Dois filhos de Hugo sobreviveram. Bella se casou com um palhaço belga e permaneceu em Bruxelas. Adolph foi salvo pelo mesmo Sherif Amar, que o abrigou nas instalações do circo e em casas de conhecidos. Tal como já ocorrera para saírem da Alemanha, a “família do circo” era um vínculo de lealdade acima da nação ou da origem. Os contatos no circo foram fundamentais para que Adolph sobrevivesse.

Após a guerra, Adolph trabalhou para o Circo Amar e se envolveu em diversos projetos, inclusive no circo de seu primo Carl Strassburger. Adolph faleceu em 1974.



Irene Danner e os salvadores Adolf e Maria Althoff

Nascido em 1913, Adolf Althoff era filho de Dominik e Adele, donos do Circo Althoff, cuja fama remonta ao século XVII. Sob tutela de seu pai, ele e seus irmãos passaram por um rigoroso treinamento para integrar o elenco de artistas. Caso da primogênita Carola, que com apenas três anos fez sua estreia, sendo anunciada como “a menor acrobata equestre do mundo”.

Em 1939, Adolf decidiu fundar seu próprio circo: o Adolf Althoff. A esposa do fundador, Maria, também era provinda de uma família circense. Já em 1941, na cidade alemã de Darmstat, Irene Danner, uma jovem integrante da importante família circense judia dos Lorch, procurou o Circo Althoff em busca de uma vaga como acrobata. As leis antissemitas provocaram sua expulsão do local onde estudava para se tornar bailarina. Ela se juntou ao circo e se apaixonou por Peter-Storm Bento, que trabalhava como palhaço. Bento, o acrobata Mohammed Saharouni e o próprio Adolf Althoff eram amigos e conhecidos como “Os Três Mosqueteiros”.

No ano seguinte, os judeus da cidade começaram a ser deportados para a Polônia ocupada. A mãe de Irene, Alice, e sua irmã Gerda também pediram refúgio no circo Althoff. Adolf as aceitou sem hesitar – ele havia dito a Peter que se sentiria um assassino caso essas mulheres caíssem nas mãos dos nazistas. Pouco tempo depois, Hans Danner, o pai de Irene, abandonou o exército e se juntou a sua família.

O que tornou esse refúgio mais fácil foi a quantidade de contatos que Adolf tinha, eles lhe avisavam quando uma nova inspeção aconteceria. Além disso, o próprio circo contava com um representante do partido nazista que atuava como informante para deixar os donos do circo cientes das inspeções surpresas. Quando elas aconteciam, Adolf avisava a família, que imediatamente buscava algum lugar isolado para se esconder. Quando os oficiais chegavam, Adolf e Maria buscavam distraí-los com histórias curiosas do que já tinham vivido e com uma vasta mesa de café bem servida. Graças ao carisma, a atitude do casal não era entendida como suspeita, mas como demonstração de hospitalidade.

A austeridade do casal Althoff fez com que a família Danner pudesse viver em relativa paz e segurança durante o Holocausto. Irene teve dois filhos com Peter ainda durante esse período. Após a guerra, eles se casaram e tiveram mais três filhos.

Em 1995, o museu Yad Vashem, em Jerusalém, reconheceu tanto Adolf quanto Maria como “Justos Entre as Nações”. Em seu discurso, Adolf ressaltou que o trabalho circense não vê diferença entre etnia, nacionalidade ou religião. Adolf faleceu em 1998 e Irene em 2006.

33

34

Edit Sandor Kleinbarth
e os salvadores Oskar e Helene Hoppe

Em 1935, Oskar Hoppe assumiu a posição de contador no Circo Barley, que pertencia a Harry Barlay e sua então esposa, Carola Althoff. Com a separação do casal, Oskar passou a trabalhar no setor administrativo do Circo Dominik Althoff, cuja direção havia sido recém transferida para Franz Althoff e sua antiga empregadora, Carola. Lá, ele conheceu Helene, irmã dos diretores e sua futura esposa.

Em 1940, o casal decidiu abrir o Circo Helene Hoppe. Entretanto, por ter auxiliado famílias judias a fugir da Alemanha ao enviá-las em turnês internacionais, Oskar passou a ser considerado como um indivíduo não-confiável politicamente pelos nazistas. Por isso, Helene assumiu a direção, ainda que na prática ela fosse exercida em conjunto com seu marido.

O auxílio fornecido pelos Hoppe não se limitou a ajuda para emigrar do país. A família de Edit Sandor Kleinbarth, por exemplo, conseguiu sobreviver viajando com o circo. Ela nasceu em Budapeste, em 1931, filha de Sandor e Elise Kleinbarch. Seu pai havia se especializado na montaria e treinamento de animais, enquanto a mãe Elise era uma Althoff. Até 1939, seus pais se apresentavam com diversos circos europeus, mas, com o romper da guerra, a família buscou refúgio no Circo Helene Hoppe.

Os Hoppe estavam cientes da origem judaica da família que abrigavam e proporcionavam segurança durante as viagens. O meio circense, extremamente cosmopolita, era visto como positivo para o desenvolvimento da criança. Entretanto, Sandor e Elise decidiram que seria melhor esconder suas origens da filha. Edit só descobriu que era judia após a 2ª Guerra. Ao contrário de outros circos, o negócio dos Hoppe foi muito próspero durante o período da guerra – nunca houve a necessidade, por exemplo, de racionar a comida que seria dada aos animais.

Em 1944, Edit, com apenas 13 anos, conseguiu seu primeiro contrato de trabalho e se juntou oficialmente ao Circo Helene Hoppe. Em setembro do mesmo ano, tropas norte-americanas chegaram em solo luxemburguês, onde o circo estava se apresentando. Para os Kleinbarth, isso representou, na prática, o fim da guerra.

No ano seguinte, contando ainda com a presença de Edit e de sua família, o circo se apresentou para soldados aliados que estavam alojados na França. No outono desse mesmo ano, a família deixou o circo Helene Hoppe e, em 1955, eles se mudaram para Finlândia, onde Edit vive até hoje.

Marcel Marceau

Marcel Marceau nasceu Marcel Mangel em Estrasburgo, na França, em 22 de março de 1923. Era o filho mais novo de Charles Mangel, um açougueiro, e Anne Werzberg, ambos judeus de uma família que contava com músicos e bailarinos. Seu dom de fazer rir e chorar por meio da mímica foi descoberto ainda cedo – quando criança, interpretava constantemente seu ídolo, Charles Chaplin.

Quando a França foi invadida pelos nazistas, em 1940, Marceau tinha apenas 15 anos. Assim como os outros judeus, sua família se viu obrigada a embarcar em um trem superlotado para o sudoeste do país. Lá, Marcel e o irmão Alain se uniram à resistência francesa. Marcel trabalhou falsificando documentos e, em 1944, ambos se mudaram para Paris. Para esconder a origem judaica, mudaram o sobrenome para Marceau.

Enquanto isso, o pai Charles foi preso, deportado para o complexo de Auschwitz-Birkenau e assassinado. Marcel expressou sua dor por meio de performances mais melancólicas, mas, apesar de tudo, esperançosas.

No mesmo ano, a resistência elaborou um plano para levar crianças judias que se escondiam sob nomes falsos de um orfanato para a Suíça. A fuga foi bem-sucedida graças ao talento de Marceau. Seu bom humor e tranquilidade transmitiram segurança às crianças, que conseguiram se passar por estudantes a caminho de férias guiadas por dois supostos chefes escoteiros (os dois irmãos).

Após a guerra, Marcel se tornou um mímico de sucesso, mas nunca deixou de frequentar os orfanatos franceses. Após a rendição alemã, Marcel passou a fazer performances para as tropas aliadas, tornando-se o oficial de ligação com o general americano George Patton. Seu personagem mais conhecido foi o caricato Bip. Todas as suas decisões do personagem davam errado e, mesmo assim, Bip demostrava otimismo, refletindo a visão de mundo de Marceau. Mesmo que não abordasse o tema diretamente, era clara a influência do Holocausto em sua obra.

Marcel recebeu prêmios como artista e cidadão. Ao ganhar a Medalha de Wallenberg, em 2001, Marceau falou sobre como, na dificuldade de abordar sua experiência com palavras, o fazia por meio da arte.

Finalizou seu discurso pedindo para que o novo milênio não fosse tão cruel quanto o século XX. Em seguida, representou o voo de uma borboleta e se retirou do palco. Ele morreu sozinho e pobre, aos 84 anos, em 2007.

A RECONSTRUÇÃO DO CIRCO NO PÓS-GUERRA

O esforço de reconstrução e adaptação do mundo às novas realidades do pós-guerra também atingiram a atividade circense. O modo de vida do circo auxiliou sobreviventes do Holocausto e do regime nazista no “retorno à vida” e a tradição familiar reforçou a conexão tanto a familiares assassinados quanto a um mundo que desaparecera. Na mesma velocidade de outros ramos e iniciativas culturais, os circos se restabeleceram após a 2ª Guerra Mundial e continuaram encantando seus públicos – a começar pelas inúmeras apresentações que distraíam e divertiam as tropas aliadas ainda estabelecidas no território europeu arrasado.

As novas tecnologias, principalmente a difusão do cinema e o fenômeno da televisão, geraram novas concorrências no campo do entretenimento. Mesmo assim, o circo tradicional ainda preservava a atenção das multidões. No entanto, dificuldades inéditas surgiam, dentre elas novas leis de passaportes, regulamentos alfandegários e monetários, que limitaram significativamente a liberdade de movimento que os circos desfrutavam até meados do século XX. Era preciso compreender os novos desafios que o circo teria nos anos seguintes.

A década de 1960 trouxe ensaios da transformação dos espetáculos para novas linguagens artísticas. No Brasil, o movimento ficou conhecido como “Novo Circo” e buscou profissionalizar a atividade artística. No entanto, continuavam comuns os empreendimentos familiares e o fortalecimento de gerações circenses dentro de famílias – fato que praticamente desapareceu das identidades judaicas, mas se mantiveram nas tradições dos povos ciganos Roma, Sinti, Calon e Romanichal.

Nos anos 1980, novas remodelações ocorreram fruto das consequências do “Novo Circo”: o circo contemporâneo (ou “nouveau cirque”) tornou-se um gênero de artes cênicas em que as habilidades do circo eram mescladas com abordagens mais coreográficas e dentro de um contexto, uma história a ser contada. Em meio a relatos de abuso generalizado e de legislações menos permissivas, as atrações com animais tornaram-se cada vez mais escassas e o foco passou a ser no impacto estético proporcionado ao público, incluindo designs de iluminação, música original e figurino especial.

Mesmo com novas roupagens e revitalizações, a cultura circense sobrevive em palcos e picadeiros espalhados pelo mundo. O papel da tecnologia aumentou, mas nunca se sobressaiu à criatividade artística. Como se diz, **“o show deve continuar”**.

39

“o show deve continuar”

40

TIHANY

Franz (Ferenc) Czeisler nasceu no vilarejo húngaro de Ketegyhaza, em 1916. Foi seu pai Ludwig, um soldado que morrera após a 1ª Guerra Mundial, quem despertou o interesse de Franz pela magia. Aos 11 anos, mesmo sem o consentimento da mãe, ele ajudou a cuidar dos animais de um circo em troca de ingressos.

Decidiu que seria mágico, e assim emigrou com um tio para o Uruguai. No Carnaval de 1930, deparou-se pela primeira vez com um espetáculo que unia mágica, faquirismo e animais. O show era conduzido por um faquir calabrês chamado Blacamán, que se passava por hindu e dizia ser capaz de hipnotizar qualquer ser vivo.

O espetáculo ocorria num antigo teatro, onde Franz ofereceu-se para trabalhar. Seu primeiro serviço foi alimentar os leões. Aprendeu a deitar-se na cama de pregos, dançar sobre o vidro, engolir fogo e a colocar a cabeça na boca do crocodilo. A trupe partiu para a Europa e, em Paris, apresentou-se como o "mágico Sangaruja". Em 1934, aos 18 anos, reuniu um palhaço, uma malabarista e um acrobata e, juntos, percorreram a Hungria. Ao passar por um charmoso balneário no lago Balaton, simpatizou-se com o nome da cidade e resolveu adotá-lo como pseudônimo: Tihany.

Mesmo com o início da 2ª Guerra Mundial, Tihany não parou de excursionar. Em 1942, ele estava em Novi Sad. Numa noite, com temperaturas de 20° abaixo de zero, judeus e sérvios foram retirados de suas casas, entre os quais Tihany, e levados à margem do rio Danúbio. Os soldados começaram a metralhar. Tihany não sabia se foi jogado ou atirou-se na água, nadando até a margem. Durante a chacina, conhecida como "Ratzia", cerca de 1.300 pessoas foram mortas, incluindo mulheres e crianças. Mais tarde, Tihany soube que sua mãe Maria Deutch e seu irmão Belá foram mortos após a ocupação na Hungria. O irmão fora fuzilado no campo de concentração de Buchenwald.

Ao lado do filho Ludwig e da mulher Ilona, Tihany continuou se apresentando. No pós-guerra, entreteve tropas aliadas e trabalhou num circo romeno antes de emigrar para Israel. Mas as oportunidades para um animador eram escassas em um país em construção. Franz foi para o Chipre e depois ao Peru antes de viajar com o Circo Coliseo Italiano para a Áustria. Em Viena, conheceu o embaixador do Brasil e decidiu retornar a América do Sul. Em 1953, a família desembarcou no porto de Santos apenas com pequenos baús e apetrechos de mágica.

No Rio de Janeiro, foi contratado pelo Circo Garcia. Suas apresentações foram bem recebidas e Czeisler decidiu criar seu próprio show. Em 1954, comprou uma lona de um teatro de marionetes e passou a se apresentar em Jacareí, São Paulo. Ele era o espetáculo. Contratou um equilibrista e uma malabarista, e estava criado o Circo Tihany. Nos anos 1980, Tihany mudou-se para os Estados Unidos. Antes, o "Mago dos Magos" vendeu sua antiga lona a um homem que começava no ramo: Beto Carrero.

Hoje, o Tihany Spetacular Circus é o maior circo da América Latina. Sua esposa Ilona, que cuidava do manequim, faleceu em 2000. Tihany nos deixou em 2 de março de 2016, aos 99 anos. O circo é administrado pelo ilusionista argentino Richard Massone, que distribuía os convites para a festa de 100 anos quando foi surpreendido pela notícia do falecimento do amigo.

KUBUSH

Mindla e Michael Horowitz se conheceram em Varsóvia, em 1936, enquanto ele estava em turnê. Conhecido no meio artístico como o palhaço Kubush, Michael integrava o corpo artístico do aclamado circo polonês Staniewski Brothers. Apesar do período turbulento de exclusão e discriminação dos judeus, Kubush e Mindla se casaram e, um ano depois, tiveram seu primeiro filho, Gad.

No início da guerra, o casal estava separado: Mindla em Varsóvia com Gad e Michael com o circo na cidade polonesa de Bialystok. Ela tentou ir em direção ao marido, mas houve um desencontro: o circo voltava para Varsóvia. Ao chegar a Bialystok, foi capturada por soldados soviéticos sob suspeita de ser uma espiã e ficou aprisionada por nove meses em uma cela sem janelas. Gad foi mandado a um orfanato. Enquanto isso, em Varsóvia, Michael e seus companheiros circenses sobreviviam graças às apresentações feitas para os soldados alemães, que desconheciam a origem judia de alguns dos membros do circo. Após meses sem receber notícias da esposa, a esperança veio no formato de um pacote misterioso que chegara de Bialystok, contendo meias vermelhas. Mindla tinha o costume de tricotar – e, imediatamente, Kubush soube que ela estava viva.

Kubush então se disfarçou de condutor ferroviário e fugiu para encontrá-la. Em poucos dias, descobriu que ela era prisioneira e tentou convencer os oficias da inocência de Mindla. Em troca da liberdade da esposa, Michael se comprometeu a trabalhar como palhaço no circo de Moscou. Apesar das dificuldades, após cerca de dois anos separados, o casal finalmente conseguiu se reunir e reencontrar o filho.

Com a ameaça da aproximação de Hitler, a família optou por fugir da União Soviética. Passaram pelos atuais Afeganistão, Irã, Uganda, retornaram à Itália e, finalmente, chegaram à Austrália, onde se estabeleceram em 1949. Lá, Kubush se uniu ao Tarax Show, onde adotou o nome Sloppo, o Palhaço e tornou-se um sucesso. Famílias se reuniam em volta da televisão para assisti-lo, ainda em preto e branco.

Os netos costumavam ouvi-los contando histórias sobre palhaços liberando prisioneiros e como a comédia salvava indivíduos. Por muito tempo, achavam que seriam apenas fábulas – apesar da notoriedade e do grande número de fãs, Kubush raramente entrava em detalhes sobre o passado. Mindla, que teve parte da família morta em Treblinka, também contava pouco. Foi apenas em 2020, quando Sue Smethurst, premiada jornalista e esposa do neto de Mindla, escreveu o livro The Freedom Circus, que o grande público conheceu a trajetória de Kubush, falecido em 1986, aos 79 anos. Mindla descansou em 2015, aos 96.

CIRCO: UM CAMPO CONCENTRADO DE RESISTÊNCIAS E RE-EXISTÊNCIAS

saiba mais em **www.circonteudo.com**

A itinerância dos espetáculos circenses alcançou lugares inimagináveis. Desde fins do século XVIII até os dias de hoje, encontraram os mais diversos públicos e culturas; atravessaram rincões em suas viagens operando constantes transformações, misturas, criações e recriações.

Contudo, suas viagens seguem também itinerários de resistências que percorrem muitos e muitos caminhos, atravessam grandes distâncias e enfrentamentos mesmo que por meio de fissuras, brechas e veredas.

E não é difícil identificar esses itinerários de resistências. Dentre outras épocas e lugares, basta olharmos para a produção do Circo Spinelli, que em 1913 apresentava disputas de capoeira em seus espetáculos no Rio de Janeiro mesmo diante da sua proibição oficial, ou, nesse mesmo ano, o espetáculo realizado em homenagem e apoio ao marinheiro João Cândido, líder da Revolta da Chibata.

Desse modo, ao longo da história e das múltiplas e complexas produções circenses, várias foram as formas de resistências, tendo os circenses disputado até mesmo com os saberes da medicina, da ciência e da educação do corpo no século XIX, no Brasil, ao oferecer aulas de gymnastica para a sociedade civil dentro do circo, ou mesmo por afrontar padrões e normas machistas e patriarcais ao promover partidas de futebol feminino em seus picadeiros no início do século XX.

Nos dias de hoje, os itinerários de resistências vão se ampliando, deixam a passos curtos, mas ligeiros, de transitar por fissuras, brechas e veredas, que alargaram os caminhos.

Vemos constantes militâncias conquistando espaço por meio da linguagem circense, a exemplo da Confraria de Palhaços da Baixada Fluminense, que em 2020 reuniu grupos de artistas negros para realizar um vídeo em celebração aos 150 anos de nascimento do artista circense Benjamim de Oliveira, e do Núcleo de Afrocentricidade da Rede Circo do Mundo Brasil, coletivo que promove debates, ações formativas e produções artísticas sobre questões ligadas a negritude, ao racismo, às lutas feministas e afro-indígenas.

Presenciamos também na atualidade uma potente produção circense ligada ao reconhecimento e valorização dos mais distintos corpos e da expressiva e militante atuação do movimento LGBTQIA+ nas artes circenses, em geral, e das mulheres no campo da comicidade, em particular, como o grupo As Marias da Graça , o Festival Internacional de Comicidade Feminina – Esse monte de mulher palhaça (RJ) e o Encontro Internacional de Mulheres Palhaças, criado por Andréa Macera – Palhaça Mafalda (SP).

E isso não ocorre somente no micro, como alguns podem pensar. Um exemplo é a megaempresa Cirque du Soleil, que tem seu elenco composto por pessoas com nanismo e que exibem com brilhantismo a potência humana em atos acrobáticos virtuosos, e acabam por fixar uma fria lápide nos cruéis espetáculos de Freak Shows e zoológicos humanos do século XIX e XX, que espetacularizavam seres humanos de forma degradante e pejorativa, e mesmo nos perversos experimentos realizados pelos nazistas, dos quais foram vítimas.

Enfim, o maior ato de resistência é, junto com o amor, a alegria. E nesse sentido, os espetáculos circenses são pura resistência e permanente re-existência, e estão abrindo picadas e trilhas em percursos árduos, porém constantes, que vão se alargando, conquistando uma clareira ou, quem sabe, um grande picadeiro.

Por Daniel de Carvalho Lopes e Erminia Silva (Coordenadores do website www.circonteudo.com).

45 A 50

Circo, cinema e Holocausto

Seja inserida ou não nas concepções de Indústria Cultural postuladas por Adorno e Horkheimer, fato é que a representação fílmica do Holocausto se transformou num dos expoentes da construção da memória coletiva do genocídio. Como destacado pelo sociólogo Michael Pollak, filmes são excelentes suportes em função do “papel crescente na formação e reorganização, e, portanto, no enquadramento da memória.”.

Exemplos de obras do cinema europeu, israelense e principalmente dos Estados Unidos, produzidas a partir de premissas artísticas ou como produtos rentáveis, permeiam nosso imaginário. No entanto, filmes que relacionam o circo ao nazismo e/ou ao Holocausto são escassos e pouco conhecidos. Este material traz alguns exemplos.

Circus Renz, 1943

Circus Renz (Zirkus Renz) é um filme de drama alemão estrelado por René Deltgen e Paul Klinger. Com temática circense, foi produzido de maneira deliberada para distrair as massas em um momento em que a 2ª Guerra Mundial começava a se voltar contra a Alemanha. O filme leva o título do verdadeiro Circus Renz e é baseado na carreira de seu fundador Ernst Renz, falecido cerca de 40 anos antes da ascensão nazista.

Circus Rex, 1965

Este estranho e assustador curta-metragem iugoslavo dos anos 1960, com 15 minutos de duração, evoca o circo em um contexto de ocupação nazista. Dirigido pelo croata Zlatko Bourek, acompanhamos pelos olhos de um menino enquanto o palhaço se torna o protagonista de um ato de resistência contra a ocupação da cidade.

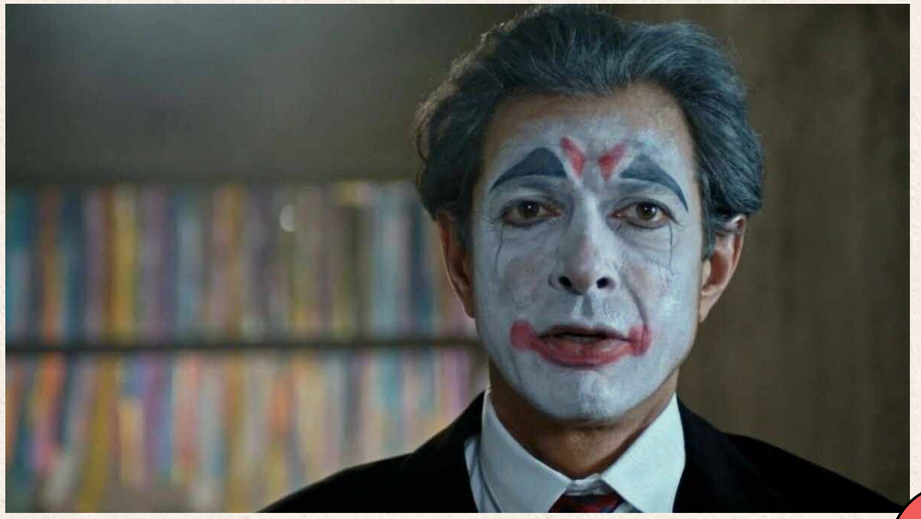
O Dia em que o Palhaço Chorou, 1972, não-lançado

Em 2016, tornaram-se públicas novas imagens de uma “obra perdida” do artista, produtor e diretor Jerry Lewis, conhecido como o “rei da comédia”. O filme, que nunca foi lançado e recebeu o título provisório de “O Dia em que o Palhaço Chorou”, conta a história fictícia do palhaço Helmut Doork, que, ao ser preso pelos nazistas, entreteve crianças enquanto eram levadas às câmaras de gás. Gravado na década de 1970, as cenas e o roteiro sempre foram alvo de curiosidade, já que envolviam o astro e um tema diferente do qual ele se consagrou.

Hanussen, 1988

O filme húngaro dirigido por István Szabó foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. De língua alemã, conta a história do judeu austríaco Erik Jan Hanussen, nascido Hermann Steinschneider, que fez sucesso no fim dos anos 1920 e início dos 1930 como hipnotizador e leitor de mentes. Seus supostos poderes chamaram a atenção dos nazistas até tornar-se íntimo de Hitler e ter um desfecho trágico, em 1933.

51



Circo, cinema e Holocausto

Invincible, 2001

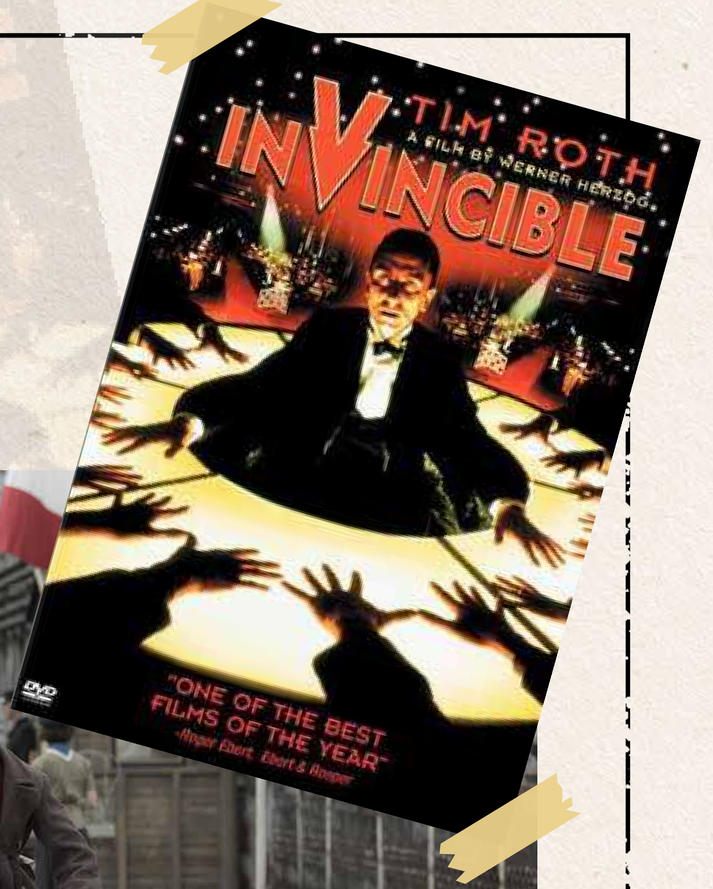
Estrelado por Tim Roth e dirigido por Werner Herzog, Invincible (Unbesiegbar) conta a história romanceada de Zishe (Siegmund) Breitbart, filho de um ferreiro judeu ortodoxo na Polônia rural. Fantasticamente forte, ele é recrutado por um agente no shtetl onde vivia e se muda para Berlim. Tornou-se um artista circense e, na década de 1920, ficou conhecido como o "Homem mais forte do mundo" e Eisenkönig ("Rei de Ferro"). A história é narrada em 1932, sete anos após a morte de Breitbart.

A Ressurreição de Adam Stein, 2008

Publicado em 1968 por Yoram Kaniuk, o romance “Adam, filho de cão” conta a história de Adam Stein, então o maior palhaço da Europa, que sobrevivera após receber ordens de entreter as vítimas a caminho da morte, num campo de extermínio. No fim da guerra, Stein descobriu que uma das filhas estava viva em Israel. Ao procurá-la, soube que a moça havia morrido pouco tempo antes e, em surto, ele passou a se comportar como um cão. Em 2008, foi lançada a adaptação, protagonizada por Jeff Goldblum.

Resistance, 2020

A saga de Marcel Marceau, que atuou na resistência francesa e é universalmente aclamado como o maior mímico de todos os tempos, ganhou uma adaptação para o cinema em 2020. “Resistance”, estrelado por Jesse Eisenberg, teve seu lançamento e divulgação prejudicados em razão da pandemia de Covid-19.



Propostas educativas

EDUCAÇÃO INFANTIL

• Leve para a sala de aula uma caixa com elementos que rematam ao circo: nariz de palhaço, cartola de mágico, bolinhas de malabares, pelúcias, tecidos coloridos etc. Permita aos alunos que manipulem os objetos. Peça para que os descrevam e pergunte para que servem, se já viram em algum lugar. Por fim, questione se há relação entre os objetos, se podem ser encontrados em um mesmo lugar ou só em espaços diferentes.

• Faça a leitura de um texto infantil sobre o circo. Uma sugestão é a obra de Maria Gloria Bedicks e Marco A C Bortoleo chamada “O circo chegou” e que tem versão em pdf e em áudio - https://youtu.be/7vKqFvrEh5Q. Permita que os estudantes relacionem os objetos da caixa ao texto.

• Pergunte se já foram ao circo e peça para que façam desenhos. Mesmo aqueles que não tenham ido podem desenhar como imaginam um circo.

• Liste os personagens que aparecem no texto e discuta o que é uma família circense e o que significa ser nômade.

• Faça uma adaptação do texto “Irene Danner e os salvadores Adolf e Maria Althoff” para contar às crianças, destacando a composição da família circense formada por outras famílias.

• Uma atividade final pode ser a organização de uma apresentação circense.

Sugestões e referências:

• Animação “Madagascar 3 – Os Procurados” (2012).

• Música “O Circo”, de Nara Leão.

• Obras de Cândido Portinari com a temática “Circo”.

Propostas educativas

ENSINO FUNDAMENTAL I

• Conte, de maneira adaptada, a história de “Carl Strassburger” contida no material, destacando os acontecimentos com os animais;

• Pergunte aos alunos se já foram a algum espetáculo circense que houvesse a presença de animais;

• Apresente exemplos de adestramentos utilizados com animais de circo;

• Mostre a Declaração Universal dos Direitos dos Animais;

• Comente a presença de leis que proíbem o uso de animais em circos e porque elas foram criadas;

• Pesquise notícias que relacionem a questão de animais circenses e construa um mural;

• Pesquise instituições que resgatam animais circenses e construa com os estudantes um roteiro de perguntas a serem feitas à instituição;

• Como produto final, pode ser construída uma obra ilustrada da turma com os artigos contidos na Declaração Universal.

Sugestões e referências:

- “Os músicos de Bremen”, dos Irmãos Grimm.
- Espetáculo teatral “Os Saltimbancos”, adaptação de Chico Buarque.
- Filme “Os Saltimbancos Trapalhões” (1981).

Propostas educativas

ENSINO FUNDAMENTAL II

• A partir da leitura do texto “Tihany”, proponha uma pesquisa sobre as origens do circo no Brasil, construindo uma linha do tempo e observando as modificações e permanências da arte circense ao longo dos anos.

• Destaque a figura do palhaço, observando que o circo no Brasil deu uma característica diferente em relação ao que era esse personagem nos circos europeus. Permita aos estudantes a leitura do texto “Marcel Marceau”, que destaca o uso da mímica como uma característica importante do palhaço europeu.

• Proponha aos alunos construírem um mural listando diferenças e semelhanças;

• Proporcione aos estudantes visualizarem alguns vídeos de Marcel Marceau atuando.

• Sugira um momento em que possam utilizar a mímica para comunicar alguma informação obtida em todas a pesquisas realizadas e que desejem destacar para o grupo.

• Destaque o primeiro palhaço negro brasileiro, Benjamin Chaves, e aquele que é considerado o mais famoso palhaço do país, Abelardo Pinto (Piolin), cuja data de nascimento dá origem à comemoração do dia do circo – 27/03 – e também deu nome à primeira escola de circo do país. Hoje, muitos artistas utilizam a figura do palhaço para trabalhar em hospitais, casas de apoio, etc. Pesquisem se na sua cidade existem grupos que façam intervenções em hospitais.

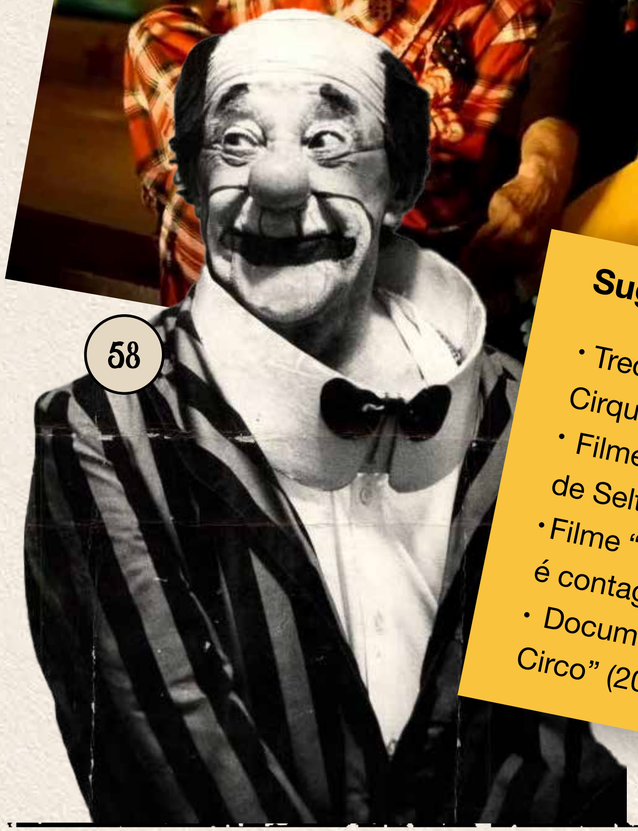
• Atualmente, o circo brasileiro tem outras características, dentre elas os artistas formados em escolas especializadas em artes circenses.

• Como produto final, proponha pesquisarem escolas circenses em sua região e realizarem uma visita e/ou entrevista com os responsáveis.

• Outra proposta de produto final seria conhecer o trabalho dos palhaços que atuam em hospitais em sua cidade e divulgar este trabalho.

59

58



Sugestões e referências:

• Trechos de espetáculos do Cirque du Soleil.
• Filme “O Palhaço”, direção de Selton Mello (2011).
• Filme “Patch Adams – o amor é contagioso” (1998).
• Documentário “A Farra do Circo” (2013).

Propostas educativas

ENSINO MÉDIO

• Após a leitura dos textos “Trupe Lilliput” e “Lya Graf”, proponha aos estudantes realizarem uma pesquisa sobre os “freak shows” em diferentes momentos da história.

• Muitas das anomalias que eram apresentadas como “espetáculos” foram mais tarde identificadas como síndromes, más formações e doenças genéticas. Faça uma lista dessas “anomalias” e identifique-as na literatura científica, construindo um mural com essas informações.

• Essas exposições eram maneiras de apresentar à sociedade os “corpos” não-aceitos. Discuta com os estudantes se, na opinião deles, existe na sociedade contemporânea corpos que ainda não são aceitos.

• Reflita sobre a condição das pessoas com deficiência na sociedade brasileira e quais são os avanços legislativos para inclusão na sociedade e no mercado de trabalho.

Sugestões e referências:

- Filme “Peixe Grande e suas histórias maravilhosas” (2003).
- Minidoc “Corpo Manifesto” (2015).
- Filme “Dumplin’” (2018).
- Filme “Extraordinário” (2017).

REFERÊNCIAS

Livros

CARMELLI, Y. S. Travelling Circus: an Interpretation. European Journal of Sociology / Archives Européennes De Sociologie / Europäisches Archiv Für Soziologie, v. 29, n. 2, p. 258-282, 1988.

JUNIOR, A. R. P. et al. O circo moderno: história, inovação e transição social. FIEP Bulletin, v. 83. Brasil, 2013.

MOONEN, Frans. Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil. Núcleo de Estudos Ciganos: Recife, 2013.

NEGEV, E; KOREN, Y. Gigantes no Coração. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

NIEWYK, D. L. The Economic and Cultural Role of the Jews in the Weimar Republic. The Leo Baeck Institute Year Book. v. 16, p. 163-173. Oxford: 1971.

PEREIRA, C. C. Ciganos: A oralidade como defesa de uma minoria étnica. Oralidad – Anuario Para el Rescate de la Tradición Oral de America Latina y del Caribe, Havana, 1992.
POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SESC. Do circo moderno ao novo circo: breves relatos sobre uma história de artes, lazer e entretenimento. Anais do Encontro Nacional de Recreação e lazer.

SMETHURST, Sue. The Freedom Circus. One family's death-defying act to escape the Nazis and start a new life in Australia. Docklands: Random House Australia, 2020.

TUBB, K. Face to Face? An Ethical Encounter with Germany's Dark Strangers in August Sander's People of the Twentieth Century. Tate Papers, n. 19. Londres: 2013.

VALÉRIO, M. M.; CASSOLI, T. Histórias circenses: composições de subjetividades. Rebento, São Paulo n. 3, 2012.

Websites

BLENNOW GENEALOGY. https://blennowgenealogy.wordpress.com/circus-blumenfeld-overview-general-history

CIRCOPEDIA. http://www.circopedia.org

DIVERGING FATES. http://www.divergingfates.eu

FIRST WORLD WAR CENTENARY. http://www.1914.org/news

FORGOTTEN COSMOPOLITANS. http://www.forgottencosmopolitans.eu/
JEWISH VIRTUAL LIBRARY. https://www.jewishvirtuallibrary.org

LA BONCHE CIRCUS RESEARCH. https://www.labonche.net

MORASHÁ. http://www.morasha.com.br

RESOURCES. http://resources.huygens.knaw.nl

THE JEWISH FOUNDATION FOR THE RIGHTEOUS.
https://jfr.org/rescuer-stories

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM.
https://encyclopedia.ushmm.org

YAD VASHEM. https://www.yadvashem.org

Artigos

HOLOCAUST REMEBRANCE. Travelling Circus under National Socialism.
https://www.holocaustremembrance.com/news-archive/travelling-circus-people-under-national-socialism

JEWISH TELEGRAPHIC AGENCY. Escaping the Holocaust in the Circus.
https://www.jta.org/jewniverse/2012/escaping-the-holocaust-in-the-circus

MATTHIAS, S. Sawdust and Spangle-Land – a Brief History of the Circus in Germany.
http://www.sarahmatthias.co.uk/articles/sawdust-and-spangle-land-a-brief-history-of-the-circus-in-germany/

WORLD WAR HISTORY AND ART MUSEUM. The Circus Goes to War – Show Business and the Armed Forces of World War I.
http://www.wwham.com/circus.html

IMAGENS | Legendas e fontes das fotografias

1 – August Sander - Artistas circenses, Alemanha 1926-1932.
© Die Photographische Sammlung/SK Stiftung Kultur – August Sander Archive, Cologne.

2 – Pintura Zirkus (Zirkusreiterin). Ernst Ludwig Kirchner, 1913. Considerada “arte degenerada” pelos nazistas.
Bavarian State Painting Collections, Sammlung Pinakothec.

3 – Interior do Royal Circus de Charles Hughes. Impressão publicada por Rudolf Ackermann na revista Repository of Art. Londres, 1809.
http://expositions.bnf.fr/cnac/grand/cir_3057.htm

4 – Artista de circo atuando no mercado na vila da Baviera 1897.
Illustrierte Welt, 1897 / E. Herger / iStock Photos

5 – Cópia de gravura em madeira feita por S. Durand na qual Adam Epstein é retratado se apresentando diante do Príncipe Imperial, C. 1869
https://www.prints-online.com/dr-adam-solomon-epstein-french-conjuror-4421235.html

6 – Le Docteur Epstein
Magicpedia/Jim Macdonald
https://geniimagazine.com/

7 – Reprodução de tela de Wolf Messing. Petr Mitrofanovich Shukhmin (1894-1955), 1946.
Andrey Fedorov / @WGMessing

8 – Wolf Messing, s.d. © RIA Novosti / Mikhail Ozersky

9 – Tanz der Marschelik, Spassmacher (Dança do Marshelik, Jester).
Ilustração de um artista identificado apenas como “M.D.”, 1902. Postal publicado pela AA.F.T. Drawing representando um badkhn (marshelik) em um casamento chassídico.
YIVO Archives

10 – Cartão-postal "Gitano Gipsy", Império Austro-Húngaro, atual República Tcheca, c.1910.
Ansichtskarte 9x14cm A1427
https://www.hippostcard.com/

11 – Poster feito por Friedlander para o ato Risley da família Lorch (c. 1915).
Circopedia.org

12 – As garotas Lorch, s.d.
Frederick Whitman Glasier (1866–1950), 20.3 × 25.4 cm
The Ringling, Museum purchase, 1963.

13 – Rosa Bouglione, recém-casada, s.d
Musée du Cirque - Le Cercle Enchanté d´Alain Frère
© 2013-2022 Alain Frère

14 – Cartaz do Cirque d'Hiver de Charles Lévy anunciando um grupo de 14 lobos russos e Les Rois du Patin, uma pantomima cômica (1885).
Gallica.bnf.fr / Bibliothèque Nationale de France / Circopedia.org

15 – Elenco do circo Sarrasani em Dresden. Os palhaços no centro da foto são os Babusios, 1927.
Circopedia.org

16 – Cartaz do circo Sarrasani, c. 1930. Circopedia.org

17 – Cartão-postal com o tema do Circo de Blumenfeld, de Magdeburg.
www.polska-org.pl / http://historia-swidnica.pl/

18 – Pôster do Circo de Blumenfeld, s.d.
Krzysztof Bylinowicz / Pinterest

19 – Soldados nazistas cantando no início de um circo em Paris, durante a ocupação alemã da França, na 2ª Guerra Mundial, s.d.
World History Archive / Alamy Stock Photo

20 – Cartaz do Circus Krone com Carl Krone, c. 1938.
Krone Archive / Circopedia.

21 – Lya Graf no colo de JP Morgan Jr, 1933.
AP Images / Centre for Nordic Studies at the University of Helsinki.

22 – Lya Graf, s.d.
HommageALyaGraff / http://www.forensicgenealogy.info

23 – Apresentação da Trupe Lilliput, Romania, c. 1944.
United States Holocaust Memorial Museum / Yehuda Koren e Eilat Negev.

24 – Os irmãos Ovitz, s.d. © Bettmann/CORBIS.

25 – Premiere Carre. Karl Strassburger com "O Cavalo Cesta", 1947.
Noske, J.D. / Anefo.

26 – Circus Strassburger com fachada oriental, Erfurt 1935.
Zirkusarchiv Winkler, Berlin.

27 – Família Schauerjans, s.d
Laura Cassagne, Anne-Marie e Maurice Argentier / Forgotten Cosmopolitans

28 – ID de refugiado de François Jacob Schauerjans, 25 de agosto de 1943.
Arquivos do Estado de Genebra, Ef 2284 / Forgotten Cosmopolitans

29 – Turcho Chukoev, músico de circo búlgaro cigano, com a família.
Cortesia da coleção da família Ludmila Zhivkova / Centre for Nordic Studies at the University of Helsinki.

30 – Adolf Althoff no circo, Darmstadt, Alemanha, 1941. https://jfr.org/

31 – Karoline, Adolph, Bella, Henriette e Hugo Strassburger, s.d. Zirkusarchiv Winkler, Berlim.

32 – Cartaz do circo Strassburger, s.d. Bundesarchiv Berlim, Alemanha.

33 – Peter (sentado na escada), Irene (no centro), Hans (sem camisa), Alice (à direita) e outros membros do circo (1944-1945).
Yad Vashem Photo Collections / yadvashem.org/righteous

34 – Os Bento. Da esquerda para a direita: Peter, Jose, Margot, Irene, c. 1941.
The Scape Act Show / © 2020 Stav Meishar

35 – Edit e o cavalo Truxa no Circo Hoppe. Luxemburgo, 1945.
Ahnentafel Der Circus Dynastie Althoff / http://www.kleinbarth.fi

36 – Circo Helene Hoppe, 1939.
Ahnentafel Der Circus Dynastie Althoff / http://www.kleinbarth.fi

37 – Marcel Marceau, c. 1950.
Abraham Pisarek/ullstein bild/Getty Images.

38 – Marcel Marceau em seu camarim antes de uma apresentação, França, 1983.
Magnum Photos Historical Archive.

39 – Imagem do espetáculo ‘Kooza’, um dos mais longevos do Cirque du Soleil, estreado em 2010. Samuel Sánchez / El País.

40 – Holograma de um elefante durante espetáculo do 'Circus Roncalli', Alemanha, 2019.
Reprodução EPV / El País

41 – Cartaz com Franz Czeisler-Tihany para o Circo Magico Tihany, c.1955
Coleção Particular / Circopedia.org

42 – Tihany no Rio de Janeiro, 1998.
Marcelo Theobald / Extra/Globo.

43 – Circo Staniewski, Cracóvia, Polônia, 1936. Kubush está à direita.
Polish Nation Archive / The Australian.

44 – Michael como Sloppo, o Palhaço, em uma propaganda, c. 1959. Austrália.
Divulgação / The Guardian.

45 – 50 – Circomuns. Dalton Yatabe (082, 090). Carlos Goff (03, 09). Matheus Jose Maria (137).

51 – Jerry Lewis, em um fotograma de "The Day The Clown Cried".
NDR/Rune Hjelm.

52 – "Adam Resurrected", 2008. Divulgação.
Bleiberg Entertainment / Video Librarian.

53 – Capa do livro “O circo chegou”, de Maria Gloria Bedicks e Marco A C Bortoleo.

54 – Reprodução "Circo", 1957. Rio de Janeiro, Brasil
Candido Portinari. Projeto Portinari.

55 – Ato de urso no Royal Hanneford Circus. Westchester, Estados Unidos, 2013.
Tim Evanson / Flickr.

56 – Capa do disco (LP) "Os Saltimbancos" (Philips), 1977.
Música de Luis Enriquez, texto original de Sergio Bardotti, tradução e adaptação de Chico Buarque.

58 – O artista Abelardo Pinto, 16.jan.1973.
Acervo Última Hora/Folhapress

59 – Cena do filme "O Palhaço", de Selton Mello (2011).
Globo Filmes / Imagem Filmes.

60 – Circo Gleich em Paris, 11 de julho de 1933.
Aquarela e guache sobre papel de Marthe e Juliette Vesque.
Coleção Museu de Artes e Tradições Populares, Marselha, França.

61 – Cartaz do Circo Busch. Cartilha do programa para o período de 16 a 31 de dezembro de 1930.
Bundesarchiv / Circopedia.

CRÉDITOS

Realização

Associação Casa de Cultura Beit Yaacov
Museu do Holocausto de Curitiba
Presidente Miguel Krigsner

Coordenação-Geral

Carlos Reiss

Pesquisa e Redação

Isabella Lopes
Michel Ehrlich
Carlos Reiss

Propostas educativas

Denise Weishof
Luzilete Falavinha

Revisão

Laura Nicolli

Concepção de Arte

Fabio Bueno

Parceiro

Circonteúdo

Agradecimentos

Antonio Carlos Sandoval Pedro, Avraham Milgram (Tito), Daniel de Carvalho Lopes, Eloiza Vasconcelos, Erminia Silva, Franz Czeisler Z”L, Isac Weishof Z”L, Jaime Ingberman, Laurence Prempain, Maria Lucia Voitech Neumann, Nado Grinberg.